

3.1.4 A estratégia lúdica presente no teatro de Anchieta para educar e catequizar

Y. KASSAB

Doutora. Universidade De São Paulo/ USP. História Social/Ciências.
São Paulo- SP

E-mail: yarakassab@terra.com.br

COMO CITAR O ARTIGO:

KASSAB, Y. **A estratégia lúdica presente no teatro de Anchieta para educar e catequizar.** www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.10, n.2, p. 70-82, abr /2020.

Resumo

O material utilizado para a elaboração deste trabalho compõe-se de: cartas, fragmentos, sermões e poesias jesuíticas, relatos de viajantes, obras históricas e outros. A partir destas reflexões este trabalho procura analisar os espaços sociais onde as culturas dispares, jesuítica e europeias se encontram.

Busca-se tratar estas relações em termos de presença comum da interação, de entendimentos e práticas interligadas, privilegiando as demonstrações de alegria, de senso de humor e práticas lúdicas. Os jesuítas foram, ao longo de sua permanência no Brasil, introduzindo novas formas artísticas e novos rituais às danças, músicas e cantos tradicionais dos indígenas, revelados em seus rituais, ao mesmo tempo em que os corais, as músicas cantadas nas missas e o teatro foram permeados pelas manifestações culturais indígenas.

Palavras Chaves: ludicidade, aprendizagem, alfabetização, pedagogia

Abstract

The material used to elaborate this composite work is: letters, fragments, sermons and Jesuit poetry, accounts of travelers, historical works and others. Starting from these reflections, this work seeks to analyze the social spaces, where cultures meet, Jesuit and separate.

We seek to treat these relationships in terms of common presence of interaction, interconnected undertakings and practices, favoring changes of joy, sense of humor and musical practices. The Jesuits were, throughout their stay in Brazil, introducing new artistic forms and new rituals in the dances, songs and traditional songs of indigenous people, revealed in their rituals, at the same time as the choirs, as sung in the masses and theater were permeated by indigenous cultural manifestations

De forma criativa e adaptativa os jesuítas inspiraram-se nos usos e costumes indígenas, utilizando-se das músicas, das danças, dos cantos e do teatro usados em suas festas e cerimoniais; como meio educacional. Para isso os cânticos e as poesias eram traduzidos e adaptados ao cotidiano indígena, como informa Nóbrega (p 213).

Inspirados nas obras teatrais, e aqui nos faz lembrar, os autos anchietanos, como uma “pedagogia ativa do século XVI”, desenvolveram, na época, um movimento social e vanguardista reservando-se as características do período em questão, os jesuítas possuíam a fé na capacidade de que cada nativo tornasse sujeito cristão, sujeito da história. Recusaram-se a romantizar a cultura dos nativos e as atividades pedagógicas, uniram rigor teórico, catequético e social deram a vida da cotidiana, da colônia, um sentido de valores morais e culturais europeus, projeto de colonização que trouxeram na bagagem para promoverem a colonização.

Seguindo a mesma linha de observação, os religiosos percebendo que os índios utilizavam-se, em suas festas e cerimoniais religiosos de vários recursos da natureza, adornando-se com penas e pintando-se de vermelho, introduziram estes recursos nos cenários e nos adornos dos atores, nas diferentes dramatizações, promovendo ainda mais a proximidade entre colonizador e colonizado, entre o novo mundo e o velho mundo, sem deixar de observar a utilização, pelos jesuítas, de uma estratégia tão familiar aos dias de hoje, nomeada de estratégia lúdica

No teatro, Anchieta usou de forma intensa as estratégias dos rituais indígenas, que hoje intitulamos de estratégias lúdicas, pois eram do

agrado dos nativos, como a música, a dança, as mímicas, o imitar dos sons dos animais; um espetáculo da arte de representar. Uma das cerimônias mais impressionantes pela sua teatralidade era o da “Santidade” ocasião em que os pajés iam visitar as mulheres em suas ocas. A descrição dessa cerimônia apresentada por Vitorino Nemesio (p.212), baseada em cartas jesuíticas revela a riqueza teatral dos indígenas.

“ Eis os feiticeiros vindos pelos caminhos varridos e juncados, que as mulheres aguardavam boquejando de porta em porta umas às outras as infidelidade dos maridos. Já entrou na taba. Já pôs a cabeça hedionda a recato no escuso do fojo sacral. E, ante o mulherio alvissareiro, aflautando a voz como um menino ou um roberto de feira dos nossos, tudo faz fácil e chão à fêmea sempre curvada às tarefas pesadas da comuna. Para quê ir a roça, se a manança cresce por si? A enxada terá asas para coivara; a flecha para o peito do inimigo e para a incauta alimária. Morrerão de velhas remoçadas. Desquitem-se das filhas como queiram! – (Assim a Cabeça falou). ” (Vitorino Nemesio).

O teatro além de ter sido utilizado como uma “pedagógica ativa” promissora, foi também uma estratégia lúdica de comunicação entre nativos e colonizadores, para a propagação da língua portuguesa.

Segundo Kassab (2012, p.215):

O estilo que os jesuítas tiveram, de assegurar e reconhecer os conhecimentos e as experiências vividas pelos nativos, e o interesse pela língua, facilitou a adaptação das atividades desenvolvidas e realizadas pela Companhia de Jesus”

Os jesuítas, por preocupação escolar, e muito por inclinação nacional

portuguesa, empregaram esforços meritórios para o estabelecimento e manutenção do teatro, com o duplo intuito de cultivar o gosto literário na Colônia e utilizar, na divulgação do Evangelho, o talento e a predisposição evidente dos índios para o movimento oratório e para a música. Esse esforço facilitou a inclusão do teatro nas atividades educacionais dos jesuítas” (Ferdinand Wolf in Pe Armando Cardoso)

Segundo Serafim Leite, as representações teatrais dos jesuítas transcorriam em duas instancias, nas aldeias e nos colégios sendo que nestes apresentavam-se as comédias e as tragédias, denunciando preocupações estéticas; nas aldeias, representavam-se os autos, porque possivelmente, a representação durava apenas um ato e eram representados nas praças públicas e nas aldeias indígenas. O teatro dos jesuítas no Brasil tinha um escopo moral e cristão transmitidos de forma divertida, bem ao estilo do bom humor indígena. O teatro anchietano é considerado por muitos estudiosos uma das primeiras e mais completas formas de catequização jesuítica no Brasil.

Reuniam-se grupos, geralmente de crianças indígenas, para se ensaiar as peças escritas pelos missionários a partir do que observavam na vida dos nativos, com isso, os padres tematizavam o cotidiano indígena, inserindo censura através da moral e dos bons costumes cristãos. Nas cenas, adaptava-se a vida selvagem para uma vida mais civilizada, criticando assuntos como bigamia, nudez, dentre outros.

“Nas peças de Anchieta encontram-se danças variadas à maneira de Portugal...Ele mesmo observa a facilidade dos meninos índios, que eram geralmente os seus autores, em aprenderem esses passos diferentes: “Fazem suas danças à portuguesa, com tamborins e violas,

com muita graça, como se fossem meninos portugueses ” (Cardoso p.57). As peças eram apresentadas para todo o aldeamento (os padres também participavam da encenação no Brasil) D´araujo (em Arte no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Revan. p. 272, 2000).

Os jesuítas com o compromisso de uma missão junto a coroa portuguesa, não mediram esforços para concretizar o projeto de colonização e, dentre as diferentes estratégias educacionais reconheceram a importância do teatro como promotor de uma estratégia lúdica, para a catequização e a educação, sendo o teatro o recurso mais bem aceito entre os nativos, por se assemelhar aos seus ritos.

Os jesuítas foram, ao longo de sua permanência no Brasil, introduzindo novas formas artísticas e novos rituais às danças, músicas e cantos tradicionais dos indígenas, revelados em suas festas, ao mesmo tempo em que os corais, as músicas cantadas nas missas e o teatro eram permeados pelas manifestações culturais indígenas

Os espetáculos oferecidos nas igrejas, a acomodação ao gosto do gentio e mesmo a certas formas exteriores a que eram sensíveis, o bilingüismo, a aproximação que permitiu entre o público e as criações artísticas são traços singulares da iniciação literária [brasileira] [e] constitui um aspecto pouco estudado desse período primário da nossa vida colonial...(SODRÉ:1960, p.70)

O teatro, para Anchieta, foi utilizado antes mesmo de se ensinar a ler, a escrever e a contar; foi utilizado como instrumento valioso de educação e cultura, discutiam os costumes e os valores por meio de uma boa dose de imaginação, de humor, cujo o objetivo era corrigir pelo riso, pelo lúdico. Complementando a característica da formação humanística.

Os jesuítas também contaram, com o auxílio dos órfãos vindos de Lisboa que juntamente com os filhos dos nativos saíam pelas aldeias a pregarem, pois, os jesuítas tinham a consciência de que só o uso da língua nativa não bastaria como estratégia metodológica para a catequização.

Os meninos saíam dançando, pregando e cantando cantigas de Nossa Senhora, os Mandamentos, Credo e Salve Rainha, semelhante as dramatizações utilizadas entre os indígenas em seus rituais, ensinando assim os adultos das aldeias.

Serafim Leite em sua obra História da Companhia de Jesus no Brasil afirma que: ``Quando os meninos da terra faziam entradas pelo sertão a pé,[...] os índios [...]recebiam-nos ao som de seus instrumentos musicais, - a taquara e o maracá. E eles com grinaldas nas cabeça, faziam procissões, erguiam cruzeiros, cantavam, dançavam`` (LEITE,1938:,p.38)

Nesta atividade lúdica cada ator tinha uma função a desempenhar, as encenações desenvolvidas pelos participantes eram múltiplas e interessantes.

Ao jesuíta, diretor de cena, cabia a missão de cobrar a atividade. Entre as encenações, recorria-se ao erudito, ou seja, a transmissão de atividade intelectual. Dentre os procedimentos pedagógicos adotados encontrava-se o respeito das regras dos autos, os princípios de adaptação aos lugares, tempos e pessoas, embora busque uma ordem.

A multiplicidade de estratégias pedagógicas, uma ampla liberdade de escolha e de adaptação à diversidade dos processos, dos estímulos e à

variedade das circunstâncias desenvolvidas pelos jesuítas através do teatro, nos faz entender a utilização do teatro como estratégia lúdica pelos jesuítas no processo de educar e catequizar.

A ludicidade foi apropriada pelos jesuítas que a utilizavam até mesmo para reprimir atitudes de resistência, pois os pais indígenas eram dóceis e pacientes com seus filhos e não costumavam castigá-los, muito menos por conta do ato de não irem ou fugirem das casas de ensinar. Valendo-se deste comportamento os jesuítas ``quando algum menino da escola é preguiçoso e não quiere ir à escola, o irmão o manda buscar pelos outros, os quais o trazem preso e o tomam às cavaleiras com muita alegria. E seus pais e mães folgam muito com isso``(LEITE,1938:p.91)

São várias as circunstâncias reveladoras de momentos lúdicos entre indígenas. Em viagem ao sertão pelos idos de 1555, o padre João Azpilcueta narra de forma bastante específica uma das cerimônias festivas realizada pelos indígenas tapuias (índios contrários)

[...] em uma aldeia grande onde estavam seus feiticeiros fazendo aqui .feitiçarias, aos quaes, porque andam de uma parte para outra, fazem os Índios grandes recebimentos, concertando os caminhos por onde hão de vir e fazendo grandes festas de comer e beber.

Estava, pois nesta aldeia muita gente de outras aldeãs que era vinda às festas dos feiticeiros.[...] No meio de uma praça tinham feito uma casa grande, e nella outra mui pequena, na qual tinham uma cabaça figurada como cabeça humana, mui ataviada a seu modo, e diziam que era o santo e lhe chamavam ``Amabozaray``, que quer dizer pessoa que dança e folga, que tinha virtude de fazer os velhos se tornassem moços. Os índios andavam pintados com tintas, ainda nos rostos, e implumados de pennas de diversas cores, bailando e fazendo muitos gestos, torcendo as bocas e dando uivos como perros: cada um trazia na mão uma cabaça

pintada, dizendo que aquelles eram os seus santos, os quaes mandavam aos índios que não trabalhassem porque os mantimentos nasceriam por si, e que as frechas iriam ao campo matar e caçar

(CARTAS JESUÍTICAS II, 1555. p.173)

Esta representação indígena revela uma teatralidade, e uma criatividade, que os jesuítas souberam aproveitar, perceberam a possibilidade de novas interações de saberes ou ainda perceberam um território de novas interdições e liberdades. Nesse sentido pode-se dizer que os jesuítas compreenderam o lúdico como necessidade à época e ao local que se encontravam um Brasil colônia¹⁰.

Os jesuítas observaram também que os indígenas possuíam outras habilidades, como imitadores de cantos de pássaros e outros animais, compositores de cânticos e trovas de improviso, revelando-se bons atores. Os inicianos, como metodologia de comunicação uniram o sagrado e o profano utilizando formas artísticas e rituais europeus e indígenas. Anchieta utilizava-se mais de uma língua nas representações, para agradar os ouvintes, adequava alguns personagens, como, por exemplo o diabo para representar o mal, divertir galhofeiro, fanfarrão e malicioso; o Anjo também era outro personagem frequente, representando a luta do bem contra o mal, e não era alheio aos índios que acreditavam nos espíritos do bem e do mal.

Segundo Cardoso

¹⁰ Nóbrega também presenciou cenas semelhantes entre os "Topinaquis" e os "Topinambás" e descreveu-as em carta enviada provavelmente da Bahia em agosto de 1549, cujo título é Informações das Terras do Brasil publicada em cartas jesuíticas I, cartas do Brasil- Manoel da Nóbrega.

O Auto de Anchieta foi criado de acordo com as características do ambiente em que estava sendo apresentado – o Brasil colônia. Tem longas partes recitadas, desfiles, danças, cantos musicais e as vezes uma oração ou discurso final, podendo as vezes durar muitas horas. Em seus Autos Anchieta, utilizava-se dos mistérios e das moralidades, eram representados em torno da igreja, materializando-se nas figuras dos anjos e dos demônios, personificando os apóstolos do bem e do mal, da virtude e do vício (CARDOSO; 1977:p.49-53)

Os jesuítas observavam que nos rituais indígenas, de casamentos, nascimentos, mortes, guerras a presença da música, da dança da mímica, um espetáculo da arte de representar. Notaram também nos ritos, a presença feminina. De forma criativa e adaptativa Anchieta inspirando-se nos usos e costumes indígenas, utilizou-se das músicas, das danças e dos cantos usados em suas festas cerimoniais em seus Autos, encontra-se no teatro anchietano a presença feminina, mesmo proibidas pela companhia de Jesus. É bem verdade que a maioria eram figuras simbólicas ou espiritualizadas e raramente retratava mulheres da vida real, a personagem “velha índia” que aparece no Auto de São Lourenço.

Anchieta incorporou também no teatro, elementos indígenas retirados da fauna e da etnologia, o que favoreceu a aceitação e assegurou o bom desempenho dos atores nativos.

Os jesuítas, por preocupação escolar, e muito por inclinação nacional portuguesa, empregaram esforços meritórios para o estabelecimento e manutenção do teatro, com o duplo intuito de cultivar o gosto literário na Colônia e utilizar, na divulgação do Evangelho, o talento e a predisposição evidente dos índios para o movimento oratório e para a música. Esse esforço facilitou a inclusão do teatro nas atividades educacionais dos jesuítas (LEITE, 1938:p.612).

Os jesuítas adaptaram-se, tirando das circunstâncias locais todo o proveito que puderam, lançando mão, com sucesso de um recurso

característico da cultura indígena, que lhes pareceu mais profícua, a arte de representar, isto é, de imitar.

O teatro dos jesuítas no Brasil tinha um escopo moral e cristão transmitidos de forma divertida, bem ao estilo do bom humor indígena. O teatro anchietano é considerado por muitos estudiosos uma das primeiras e mais completas formas de catequização jesuítica no Brasil. Reuniam-se grupos, geralmente de crianças indígenas, para se ensaiar as peças escritas pelos missionários a partir do que observavam na vida dos nativos. Com isso, os padres tematizavam o cotidiano indígena, inserindo censura através da moral e dos bons costumes cristãos. Nas cenas, adaptava-se a vida nativa para uma vida cristã, criticando-se a poligamia, a embriaguez e a antropofagia

Referências

ANCHIETA, *Jose de. Auto representado na festa de São Lourenço.* Comentários e trad. Maria de Lourdes de Paula Martins. Boletim I Documentação Lingüística São Paulo: Museu Paulista, 1948

BARROS, Antonio T. de. *Heranças da Casa Grande no folclore e na cultura popular: a contribuição de Gilberto Freyre.* Brasília :Mimeno, 2001

BISPO, Antonio Alexandre. *Homo ludens e descobrimentos.* Disponível em <http://ismps.de/ludica98.htm>, [Em 28/11/02]

BOSI, Alfredo. *Historia Concisa da Literatura Brasileira.* 2 ed.,3ª impressão. São Paulo: Cultrix, 1984

CARDOSO, Armando Pe. *Teatro de Anchieta.* Vol 3.São Paulo:Loyola, 1977

CARTAS jesuíticas. *Cartas avulsas (1550-1568).* Introdução de Afrânio Peixoto. Vol II. Rio de Janeiro:Imprensa Nacional, reimpressão, 1931

D´ARAUJO,A.L. *Arte no Brasil colonial.* Rio de Janeiro: Revan, 2000. P

LEITE, Serafim. *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo II, século XVI - O Estabelecimento. Lisboa: Portugalia. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1938

_____. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo*. 3 volumes. São Paulo, 1956

MARCILIO, Maria Luiza. *Historia da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo:Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Fernand Braudel, 2005

MARTINS, Maria de Paula. *José de Anchieta. Auto representado ``Na festa de São Lourenço*. São Paulo: Museu Paulista. Boletim I doc. 1, 1948

NEMESIO, Vitorino. *O campo de São Paulo. A Cia de Jesus e o plano português do Brasil*. 3 ed.Lisboa:Secretaria de Estado da Informação e Turismo,1971

O'MALLEY, John. *Os primeiros jesuítas* .trad.Domingos Armando Donida.Rio Grande do Sul.São Leopoldo - UNISINO, São Paulo – Bauru :EDUSP,2004

REVISTA Digital Art& - ISSN 1806-2962 – ano II – número 02 – outubro de 2004 [www.revista.art.br/site-numero-05/trabalhos/10.htm].

SODRE, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira. Seus fundamentos econômicos*. 3ª ed. Integralmente refundida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960

SOUZA, Ney de. *Catolicismo em São Paulo-450anos da presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2004

STEPHANOU, Maria Helena Câmara Bastos (org). *Historia e memória da educação no Brasil*, vol. 1. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2004

KUHNEN, Alceu. *As origens da Igreja no Brasil: de 1500-1552*. Bauru. São - Paulo: EDUSP,2005 (30.894)